

# O BEATO FRANCISCANO ANTÔNIO DE NOTO: ESCULTURAS DEVOCIONAIS PRETAS NO BRASIL ENTRE OS SÉCULOS XVIII E XIX

*THE FRANCISCAN BLESSED ANTÔNIO DE NOTO: BLACK DEVOTIONAL SCULPTURES IN BRAZIL BETWEEN THE 18TH AND 19TH CENTURIES*

*EL BEATO FRANCISCANO ANTÔNIO DE NOTO: ESCULTURAS DEVOCIONALES NEGRAS EN BRASIL ENTRE LOS SIGLOS XVIII Y XIX*

Fábio Mendes Zarattini<sup>1</sup>  
fzarattinirestauro@gmail.com

## RESUMO

O artigo apresenta um estudo a respeito das imagens devocionais de madeira do beato preto franciscano Antônio de Noto, mais conhecido como Antônio “de Categeró” no Brasil, séculos XVII ao XIX. A referida devoção preta franciscana participou da campanha de cristianização dos escravizados naquele período. A atuação dos Frades Menores Capuchinhos e das irmandades do Rosário dos Pretos resultou na encomenda e produção de esculturas policromadas destinadas a uma série de templos edificadas e espaços domésticos. A metodologia empregada foi a revisão de estudos teórico-práticos para a análise técnica e material de esculturas representativas. Foram analisadas as possíveis influências de questões socioculturais, histórico religiosas, modelos e reapropriações de representação iconográfica dessa veneração no momento de conversão de pretos no universo colonial e seus desdobramentos. Estudar os valores simbólicos e espirituais veiculados nas representações escultóricas de Antônio "de Categero".

**Palavras-chave:** escultura devocional; devoção preta franciscana; Beato Antônio do Noto; Beato Antônio do Categeró; iconografia.

## ABSTRACT

The article presents a study on the devotional wooden images of the black Franciscan blessed Antonio de Noto, better known as Antonio "de Categeró" in Brazil, from the 17th to the 19th centuries. The mentioned Franciscan black devotion participated in the campaign of Christianization of the enslaved during that period. The action of the Capuchin Minor Friars and the brotherhoods of the Black Rosary resulted in the commissioning and production of polychrome sculptures destined for a series of built temples and domestic spaces. The methodology employed consisted of conducting a review of theoretical-practical studies for the technical and material analysis of representative sculptures. Possible influences of sociocultural issues, religious history, models, and reappropriations of iconographic representation of this veneration at the moment of conversion of blacks in the colonial universe and its ramifications were analyzed. The preservation of black devotional sculptures belonging to Brazilian heritage requires constant debate and symbolic interpretation, given their popularity, material relevance, and immaterial significance.

**Keywords:** devotional sculpture; franciscan black devotion; Blessed Anthony of Noto; Blessed Anthony of Categeró; iconography.

---

<sup>1</sup> Conservador-restaurador pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes, linha de pesquisa Preservação do Patrimônio Cultural, da Escola de Belas Artes, UFMG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4258119342923991>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1455-0452>.

## **RESUMEN**

El artículo presenta un estudio sobre las imágenes devocionales de madera del beato negro franciscano Antonio de Noto, más conocido como Antonio "de Categeró" en Brasil, desde los siglos XVII hasta el XIX. La mencionada devoción franciscana negra participó en la campaña de cristianización de los esclavizados en ese período. La actuación de los Frailes Menores Capuchinos y las hermandades del Rosario de los Negros resultó en el encargo y producción de esculturas policromadas destinadas a una serie de templos construidos y espacios domésticos. La metodología empleada consistió en llevar a cabo una revisión de estudios teórico-prácticos para el análisis técnico y material de esculturas representativas. Se analizaron las posibles influencias de cuestiones socioculturales, históricas religiosas, modelos y reapropiaciones de representación iconográfica de esta veneración en el momento de la conversión de negros en el universo colonial y sus ramificaciones. La preservación de las esculturas devocionales negras pertenecientes al patrimonio brasileño requiere el constante debate e interpretación simbólica, dada su popularidad, relevancia material e inmaterial.

**Palabras clave:** escultura devocional; devoción negra franciscana; Beato Antônio do Noto; Beato Antônio do Categeró; iconografía.

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo é um recorte da tese intitulada “Santos Pretos: Esculturas Devocionais no Brasil”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais, linha de pesquisa Preservação do Patrimônio Cultural, em 2024. A pesquisa foi realizada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Código de Financiamento 001. O artigo destaca a devoção a Antônio de Noto.

No período entre os séculos XVII e primeira metade do século XVIII, as devoções pretas propagadas pelo catolicismo franciscano, materializadas nas esculturas de madeira desde o início da Idade Moderna, têm sido reconhecidas por um grande número de convertidos e fiéis de origem africana. Os frades menores capuchinhos encontraram fértil terreno para as suas atividades de catequese. Ao enaltecerem a descendência africana do povo, aproximaram o catolicismo dos brasileiros. Além dos religiosos e difusores franciscanos, destacaram-se os associados devotos das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que se empenharam na propagação dessas imagens (Zarattini, 2024).

A devoção ao beato franciscano Antônio de Noto originou-se em Siracusa, uma região bem específica da Europa, na ilha da Sicília, Itália, um território circundado pelos mares Mediterrâneo e Tirreno, situado em meio a disputas e invasões ao longo dos séculos e destino comum para quem fugia da África nas primeiras perseguições muçulmanas da era cristã. Já no início do período moderno, sob domínio espanhol e vítima das guerras corsárias do mediterrâneo

entre os estados cristãos e o Império Otomano, a ilha contava com escravizados de etnia marcadamente preta e “moura” como parte de sua população (Zarattini, 2024).

Desde o início do século XVI, na região da Sicília, a ordem franciscana passou por um movimento de reformas internas e administrativas e de embates com mouros, entre outros povos. Em conventos franciscanos da Sicília, surgiram alguns exemplos de santos pretos, dentre os quais se destacaram os freis Antônio de Noto e, posteriormente, Benedito de San Fratello ou Benedito de Palermo, como é mais conhecido (Fiume, 2009).

De acordo com Giovanna Fiume<sup>2</sup> (2009), esses religiosos gozaram, nos últimos decênios, de um grande e renovado interesse. A autora informa ainda:

Biograficamente, são quase contemporâneos [...] ambos são negros africanos, mas o primeiro [ Antônio de Noto] é muçulmano [...] o segundo [ Benedito de São Fratello] nasce na Sicília, filho de escravos africanos [...] o primeiro tinha traços somáticos “ etiopes”, linhas faciais sutis, cor morena e um corpo longilíneo, enquanto o segundo tinha o aspecto geral das populações da África centro- ocidental, nariz achatado, boca carnuda, estatura mediana e colorido escuro, tendendo ao ébano (Fiume. 2009, p. 51-52).

O culto ao beato Antônio de Noto participou das campanhas de evangelização nas Américas durante o período das navegações empreendidas pelos ibéricos e foi exposto em patamar equivalente ao de outras santidades franciscanas. Nesse sentido, a cor preta passou a ser tratada para enaltecer suas origens e enfatizar a mudança de patamares e suas virtudes. Na campanha de sua beatificação, foi destacada sua extraordinária transposição ao ideal de piedade e fé. A vida dos santos referidos como “de cor”, destacada pelas ordens religiosas em estudos hagiográficos, foi um dos braços da expansão da cristandade na América portuguesa. No contraponto do contexto colonial, a cor preta, geralmente renegada e desvalorizada, pôde ser abrandada, e de certa forma transposta e, com efeito, indicar, inclusive, o exemplo de uma vida virtuosa conduzida dentro dos parâmetros da fé cristã católica (Zarattini, 2024).

A retórica franciscana enaltecia as origens humildes e o regime de escravidão em que viveram esses homens santos. Visto que o conceito de humildade era fundamental para a construção das santidades dessa ordem, a graça divina do beato Antônio de Noto e Benedito estava, sobretudo, na forma de superação da cor de sua pele e às circunstâncias de uma escravidão pela via da conversão e vida religiosa católica que ambos abraçaram. Os freis Apolinário da Conceição e Antônio de Santa Maria Jaboatão foram cronistas que se aprofundaram nas hagiografias do religioso Antônio de Noto e deram o aval à sua inserção no projeto colonial português de expansão cristã para as Américas (Zarattini, 2024).

---

<sup>2</sup> A pesquisa de Fiume (2009) tem se mostrado um importante referencial, por ter sido construída com base em fontes primárias e documentos sobre os processos de beatificação e requisição incompleta de canonização de Antônio de Noto nos arquivos sicilianos.

Conforme Anderson Oliveira (2016, p. 78):

A existência de “santos de cor”, por conseguinte, expressava nos altares uma hierarquia cromática que tinha lugar na própria vivência dos fiéis. Hierarquia esta que delimitava fronteiras não só entre os brancos e “homens de cor”, mas também no interior deste último grupo. Deste modo, o discurso hagiográfico sobre a cor construiu também uma série de nuances que visavam dar conta de um quadro social mais complexo, onde não só se pretendia inserir os pretos de forma subordinada no interior da Cristandade, mas também expressar um imbricado jogo de hierarquias sociais afeitas às clivagens construídas entre os próprios africanos e seus descendentes.

O referido historiador afirma que o propósito dos discursos e o esforço em indicar e exaltar santos pretos em suas ordens ia além da transmissão de símbolos religiosos: criava e respaldava, acima de tudo, as hierarquias sociais existentes na colônia. Ao passo que a sociedade escravista se ampliava, o discurso de santidades se ajustava ao modelo social estratificado. À medida que os escravizados eram trazidos ao Brasil, foram implantadas as Irmandades pretas, o que, de certa forma, possibilitava, mesmo que de forma desigual, que os pretos africanos ou nascidos no território americano, participassem da vida da Colônia, de festas religiosas, procissões de rua e ainda do convívio social.

As confrarias elaboraram seus compromissos, edificaram seus lugares de culto, prestaram uma importante assistência política e social, e propiciaram, inclusive, a oportunidade de sepultamentos dignos para os seus membros e familiares (Freyre, 2006). De acordo com esse sociólogo, foi justamente esse cristianismo doméstico, lírico e festivo que criou, nos pretos, as primeiras ligações espirituais, morais e estéticas com a família e a cultura brasileiras.

Em relação à sua hagiografia, destaca-se que Antônio, falecido oficialmente sexagenário por volta de 1549, viveu e exerceu seu ofício de religioso na cidade de Noto, próxima a Siracusa, comuna italiana da região da Sicília, na Itália. Esse religioso preto foi conhecido logo após sua morte, graças às iniciativas dos confrades da Ordem franciscana da cidade de Noto e de um grupo de devotos e fiéis, movidos pelas graças que ele propiciou ainda em vida e que suas relíquias continuaram a proporcionar *post mortem*. Logo após seu funeral, foram iniciadas as coletas de testemunhos exigidos na abertura da *inquisitio*<sup>3</sup>, visando atestar as suas virtudes como candidato ao processo de canonização<sup>4</sup> e comprovar a existência de milagres (Zarattini, 2024).

---

<sup>3</sup> Termo de abertura do processo de canonização junto ao Dicastério para as Causas dos Santos, departamentos do governo da Igreja Católica na Cúria Romana.

<sup>4</sup> Termo usado para o processo de proclamação de um beato como santo, conforme a Igreja católica.

Apesar da intensa campanha empreendida pelos franciscanos e a divulgação de produções literárias de teor hagiográfico, apenas Benedito foi contemplado com o título canônico, enquanto Antônio de Noto ficou restrito ao título de beato.

Em 1611, o franciscano espanhol Antônio Daça, ou Daza, publicou, em Valladolid, Espanha, a *Quarta parte de la chronica general del nuestro Serafico Padre San Francisco y su Apostolica Orden*, uma dissertação que abordava a vida religiosa dos dois religiosos na Sicília (Fiume, 2009). Em seus escritos, o frei Daza indicou a característica racial do frade de modo enfático, como relata Fiume (2009, p. 102-103):

Maior espaço Daça dedica a Antônio de Calatagirone, ou de Noto, morto em 1549 [sic] e cujo processo de canonização estava em fase avançada: também “negro, nascido nos montes de Barca [...] não só foi negro como os de Guiné, Xalofe e Monicongo, como também Mouro, nascido e criado na lei de Mahoma, e filho de pais Mouros e negros”.

Fiume (2009) destaca, consoante Daza, que a Igreja da Etiópia fora purificada pela fé, e tornava-se *candida y hermosa*, aliás, *negra sì, pero hermosa*, a respeito dos santos franciscanos pretos. Segundo afirmações de Daza, o beato era “de cor”, mas, ao menos, fora convertido da religião muçulmana ao cristianismo, transformando-se pela fé (Zarattini, 2024).

Próximo ao ano de 1630, os missionários franciscanos que se encontravam no território brasileiro fundaram a primeira fraternidade em Salvador (BA) e, em meados do século XVII, em Angra dos Reis (RJ), uma segunda, considerada uma das mais antigas fraternidades brasileiras, ainda em funcionamento no Rio de Janeiro (Zarattini, 2024).

Alonso de Sandoval (1647, p. 503 *apud* Zarattini, 2024, p. 118) afirma: “[...] porque a sabedoria de Deus é tal que pode tornar santos feitos do carvão negro e brasas, assim foi com este homem negro [...] da brasa incandescente do amor se tornou o diamante precioso da caridade [...]” Esse jesuíta espanhol alegava que a possibilidade de um preto se tornar um santo dependia unicamente da graça de Deus, e o beato Antônio de Noto foi um preto que passou por plena “transmutação engenhosa”, pela Luz Divina. “Um carvão preto, que se transformou em nobre diamante” (Sandoval, 1647, p. 503, *apud* Zarattini, 2024, p. 118).

A Igreja não poderia abster-se de tomar uma posição diante do papel desempenhado pela escravidão africana no contexto do Império colonial português. Na devoção Mariana “popular”, desenvolviam-se os processos de evangelização preta, e, paulatinamente, as irmandades negras do Reino português e suas colônias americanas se dedicavam a Nossa Senhora do Rosário, tornando esta invocação uma das mais relevantes e presentes naquele momento. A estrutura social estratificada da época, fundamentada em diversas hierarquias e diferenças, demandava um projeto específico de cristianização direcionado aos africanos e seus descendentes (Zarattini, 2024).

Na difusão religiosa junto aos pretos e descendentes dos africanos, as devoções de religiosos, como os beatos Antônio de Noto e, posteriormente, Benedito, foram agregadas a Nossa Senhora do Rosário e assim amplamente potencializadas. O religioso beato Antônio de Noto despertou admirável interesse e debate por parte dos estudiosos nos últimos séculos e ainda permanece na abertura de novas perspectivas e propostas de pesquisa.

O objetivo deste artigo é estudar os valores simbólicos e espirituais veiculados nas representações escultóricas de Antônio “de Categero”.

## **O BEATO E TAUMATURGO ANTÔNIO DE NOTO: SUAS ORIGENS E HAGIOGRAFIA**

Antônio de Noto (1490?-1550), nasceu em Barca, antiga cidade no Norte de África, na área costeira da atual Líbia, uma colônia greco-romana e posteriormente bizantina que, juntamente com a cidade de Cirene, integrava a província romana da Pentápole. Antônio, um irmão terceiro de São Francisco, figurou como o antecedente de Benedito (1526-1589), da Primeira Ordem, na construção de um modelo de santidade preta, laica e franciscana. Os dois foram culturalmente associados desde o início do século XVII, tanto na Península Ibérica quanto no Novo Mundo. Descendente de mouros e pretos, Antônio foi inicialmente educado por sua família, sob os valores e preceitos muçulmanos (Zarattini, 2024). “Um negro nascido nos montes de Barca [...] negro como os de Guiné, Xalofe e Monicongo, como também mouro, nascido e criado na lei de Maomé, e filho de pais mouros e negros” (Daza, 1611, p. 156 *apud* Zarattini, 2024, p. 119, tradução nossa).

Em grande parte das hagiografias, consta que o frei de Noto adquiriu a sabedoria ascética em mosteiros, na prática de orações, em restrição social e, finalmente, em um marcante período de retiro no Monte Pellegrino, próximo de Palermo<sup>5</sup> (Zarattini, 2024).

O beato Antônio se tornou conhecido no Brasil com o topônimo “de Categeró”, em provável referência equivocada a *Caltagirone*, outra Comuna italiana da região da Sicília. O termo “Categeró”, entre outras corruptelas, foi incorporado erroneamente pela cultura popular. Na Europa, o beato é conhecido como Antônio etíope, mouro ou de Noto. A expressão genérica “etíope” referia-se genericamente à origem africana e aos pretos em seu tempo, um modo de distingui-lo de outros religiosos de origem europeia, em distinção do “Antônio” de Pádua. O beato Antônio é descrito como mouro em referência à sua religião muçulmana pregressa, e como “Noto” por ser topônimo relativo ao local onde exerceu sua vida religiosa (Zarattini, 2024).

---

<sup>5</sup> “*Fratello Negro: Antônio di Noto detto L’etiopie* é um estudo do italiano religioso Monsenhor Salvatore Guastella, redigido já no século XX, que trata da vida do bem-aventurado franciscano, reafirma dados históricos e traça uma possível rota de sua veneração no Brasil.” (Zarattini, 2024, p. 119).

Zarattini (2024) esclarece que, de acordo com hagiografia setecentista de José Pereira Baião, houvera mais “Antônios”, ou seja, homônimos franciscanos que apresentavam fama de santidade na Sicília, o que resultou principalmente na confusão feita entre Antônio “de Noto”, ou “de Caltagirone”. Apesar de apresentar seu texto hagiográfico sobre Antônio de Noto baseado nas publicações do padre Franciscano Daza, Baião diagnostica o problema da confusão dos nomes e apelidos dos pretos da Sicília, algo que parece ser contemporâneo à época dessa publicação portuguesa. Conforme os textos mencionados pelo autor, a confusão estabelecida entre os homônimos teve sua origem em alguns textos do século XVII.

Os Padres Daza, e Carrilho dão [a] este santo o apelido de Catalagirona, confundindo-o com outro do mesmo nome, que viveu no mesmo tempo, o qual foi o Beato Antônio de Catalagirona, Religioso Professo no Mosteiro de São Francisco da cidade deste nome [...] e se alguém duvidar disso, veja o Martyrologio Franciscano [...] (Baião, 1726, p. 21- 22 *apud* Zarattini, 2024, p. 119).

Frei Antônio Caltanisseta, escravizado de Giovanni Frumentino de Caltanissetta, viveu no convento de Santa Maria de Jesus da cidade de Cartagerona, Província de Catânia na Sicília, e faleceu em 1580. Estaria aí a provável origem da corruptela “Categeró” muito mais frequente em terras brasileiras.

Consta que os indivíduos Antônio de Cartagerona, com o sobrenome de batismo *Caltamisseta*, e o outro de Noto, registrado como de sobrenome Land’Ávola, foram praticamente contemporâneos e conterrâneos. Isso tem gerado divergências e confusões em suas histórias e provocado contaminações que resultaram no estabelecimento de um único santo, conhecido popularmente com o topônimo “Categeró”. Contudo, preserva-se, nessa junção, a hagiografia de Antônio de Noto, o que corresponde aos seus atributos iconográficos (Zarattini, 2024).

A respeito da vida de Antônio de Noto, consta, em seus registros, que fora arrematado por João Land’Ávola na condição de escravizado, sendo entregue aos genros de seu tutor como parte do dote de filhas que haviam casado na comuna de Ávola, cidade vizinha a Noto, na Sicília, Itália. Na condição de servo, e em comportamento pacífico, teve, então, o destino de cuidar dos rebanhos de ovelhas de seus novos senhores, no ofício de vaqueiro. Além de cuidar do rebanho, Antônio tornou-se o responsável pela produção de queijo, retirada do leite das vacas e ajuda aos demais operários. Ainda adolescente, recebeu os ensinamentos cristãos, abjurou o Islamismo e, por livre intenção e afinidade, converteu-se ao Cristianismo. Nesse momento, batizou-se com o nome do glorioso Santo Antônio de Pádua, uma de suas inspirações (Zarattini, 2024).

Inicialmente, Antônio era um trabalhador diligente, cumpridor das ordens de seu patrão, que o designou como pastor de ovelhas. Além disso, ele tinha um coração generoso para com os pobres, aos quais distribuía alimentos e roupas. Assim, o escravizado logo ganhou a confiança de seu patrão. Na mesma propriedade em que trabalhava, existiam jovens guardiões do rebanho, descritos por uma testemunha como sendo os destinatários da caridade de Antônio, que frequentemente ofertava seus cuidados e alimentos produzidos na propriedade de seus senhores. Levava uma vida de penitências, trabalho pesado com os animais, desconforto, jejuns contínuos e pouco descanso (Zarattini, 2024).

A aproximação de Antônio com a Ordem Terceira de São Francisco da Penitência ocorreu pelo encontro com Blandano Terranova<sup>6</sup>, orientador religioso com quem se aprofundou nos conhecimentos sobre a espiritualidade pela ótica cristã, especialmente pela filosofia franciscana (Zarattini, 2024).

De acordo com testemunhas, no processo de beatificação, sua especial afinidade e devoção era à “Coroa e Rosário de Nossa Senhora”. Assim, em suas poucas horas de descanso do trabalho rural, ocupava-se na montagem de cestarias e rosários, que ofertava aos pobres, para difundir o culto à Virgem (Guastella, 1986). Tal afinidade com o Rosário pode ser associada ao uso do acessório religioso muçulmano de sua terra de origem, que lhe devia ser familiar, os *komboloy* (Dell’Aira, 2000). Colar similar ao Rosário de Maria, o acessório muçulmano se compõe de contas que podem ser de diferentes materiais, como madeira, marfim e sementes, que representam três ciclos de reza para invocações dirigidas a Alá (Zarattini, 2024).

A tradição oral narra que Antônio, o mouro, ao se converter ao cristianismo, não era apenas um cristão comum ou negligente. Ele seguia a lei de Deus com zelo fervoroso, dedicando-se à oração e à leitura da Bíblia para se aproximar Dele. Sua devoção incluía confissão regular e comunhão, enquanto seu amor pelo próximo se manifestava em suas ações (Zarattini, 2024).

Antônio se confessava e comungava frequentemente na igreja de Santa Venera, em Ávola. Posteriormente, tomou o hábito no convento de Santa Maria di Gesu, em Noto, Itália. Rotineiramente, Antônio de Noto se flagelava com um tipo de chicote trançado com agulhas pontudas, um instrumento com uma ou várias tiras de couro presas a um cabo. Sereno, levava, assim, uma vida de penitência em silêncio e caridade com os pobres (Zarattini, 2024). “Nas quartas e nas sextas-feiras, como forma especial de mortificação, carregava uma grande pedra nas costas” (Fiume, 2009, p. 59). Esse elemento se tornou um de seus atributos. A respeito da relação da hagiografia e suas representações, observa-se que poucas esculturas com esse atributo são restritas a Portugal, Espanha e Itália (Zarattini, 2024).

---

<sup>6</sup> Terranova era conhecido pelos seus contemporâneos por ter viajado “[...] como peregrino nos lugares santos e conquistado profunda estima na Sicília, Itália” (Fiume, 2009, p. 61).

Já em idade avançada, Antônio retirou-se para o hospital de Noto, onde, por longos anos, continuou auxiliando os enfermos. Faleceu entre 1549 e 1550 e foi sepultado no cenóbio, o monastério dos Menores Observantes de Noto, com aproximadamente 60 anos. Em 1565, o bispo de Siracusa, Giovanni Orosco de Alzès, autorizou o vigário de Noto a colocar o caixão de Antônio em um lugar digno, na parede do altar-mor da igreja do Mosteiro de Santa Maria de Jesus, em Noto. O traslado das relíquias a um caixão de melhor qualidade transformou-se em um evento apoteótico, devido à fama de santidade que já gozava ainda vivo. Até os magistrados da cidade quiseram tomar parte desse acontecimento (Zarattini, 2024).

Em uma segunda transladação de seu corpo, em 1599, relatou-se que se encontrava incorrupto, o que reforçou ainda mais sua fama de venerável, atestando o grande número de milagres. Assim, “[...] a Santa Inquisição da Sicília, respeitando a sua grande Santidade e, maravilhas que de continuo obrava deu logo licença para se poder pintar a sua imagem [...]” (Baião, 1726, p. 19-21 *apud* Zarattini, 2024, p. 124).

De acordo com Randazzo (1998)<sup>7</sup>, frade católico italiano da Ordem dos Frades Menores, Antônio de Noto era conhecido dentro e fora da Sicília, por suas curas espirituais. Assim, projetava-se a ideia de que Antônio precisava ser beatificado, visto que sua popularidade de prodigioso já se verificava.

Antônio foi agraciado por Deus com o dom dos milagres, especialmente na cura de enfermos. Muitos o procuravam em busca de saúde e, com humildade, Antônio atribuía todo poder de cura a Deus. Ele impunha as mãos sobre os enfermos, rezava, e Deus os curava. Mesmo após sua morte, continuou atendendo os que o procuravam, intercedendo e realizando milagres (Zarattini, 2024).

Na abertura do processo episcopal que tratava de sua beatificação, participaram 38 testemunhas que atestaram a trajetória de autossuperação excepcional de um escravizado que, após capturado, fora vendido e transferido à posse do senhor Giovanni Iandanula (ou Iandavula, Landanula, Iandavula, corruptelas de Ian de Ávola), proprietário de rebanhos (Fiume, 2009).

## **O BEATO E SEUS MODELOS DE REPRESENTAÇÃO**

Ao examinar as representações escultóricas relacionadas ao beato Antônio de Noto no Brasil, percebemos diversas interpretações por parte de artífices, mas pode ser constatada falta de definição das características distintivas, principalmente relacionadas às representações de outra devoção preta e franciscana, o São Benedito. Também é importante salientar o uso

---

<sup>7</sup> Tommaso Tetti, mais conhecido como Antonino da Randazzo, biógrafo e hagiógrafo (Zarattini, 2024).

inadequado da variante corrompida do topônimo “de Categeró”, uma vez que, no Brasil, ele é amplamente conhecido e identificado dessa maneira.

As representações iconográficas do Beato Antônio de Noto são escassas diante de outras devoções pretas. Norteados pelas referências sicilianas na construção da imagem do Beato Antônio de Noto, portugueses e espanhóis transmitiram definições iconográficas no Brasil e na América Latina<sup>8</sup> (Figura 1).

Figura 1 – São “Benedicto” e “Santo” Antônio de Noto. Capa da hagiografia produzida por Baião (1726). Gravura, século XVIII. Lisboa



Fonte: Zarattini, 2024.

Com relação aos elementos inerentes às representações de Antônio de Noto e Benedito, o cordão de três nós indica a Ordem religiosa à qual os santos pertencem, assim como o hábito dos capuchinhos. A cruz é um elemento muito recorrente em suas iconografias e um dos elementos fundamentais do catolicismo, sempre remetendo à pessoa de Jesus, o signo do Filho de Deus, do Cristo ressuscitado (Chevalier; Gheerbrant, 2022). Na única gravura existente na publicação de Baião, o Santo possui aureola, veste o hábito dos capuchinhos com um cordão com três nós na cintura. Os nós representam pobreza, castidade e obediência, votos frequentes dos frades da Ordem Franciscana. Os Frades Menores Capuchinhos recebem este nome por causa do capuz presente em seus hábitos (Zarattini, 2024).

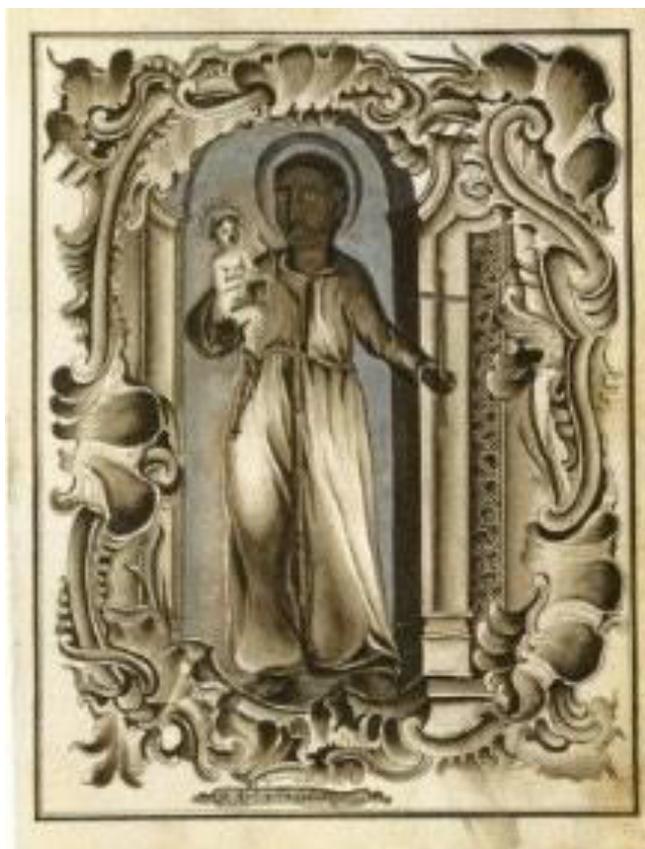
Como atributo<sup>9</sup> mais recorrente na referida gravura, observa-se que ambos os santos pretos, Antônio de Noto e Benedito, carregam uma cruz. Outro atributo frequente é o Rosário, que se encontra atado à cintura desses franciscanos e faz referência às suas devoções durante seus primeiros passos como penitentes e enfermeiros dos pobres.

<sup>8</sup> Frei José Baião (Coimbra, 1690 – Lisboa, 1743), cronista, publicou o livro intitulado *História das Prodigiosas Vidas dos Gloriosos Santo Antônio e Benedito, maior honra e lustre da Gente Preta* em 1726 (Zarattini, 2024).

<sup>9</sup> Símbolos, insígnias, distintivos ou quaisquer elementos que auxiliam na identificação de representações da iconografia cristã (Damasceno, 1987). Desde o século V, os atributos foram usados para identificar santos.

As esculturas de Antônio de Noto, em Portugal, ou Antônio “de Categeró”, no Brasil, seguem representando o religioso preto com frequência imberbe e trajando invariavelmente o hábito de franciscano, com o cordão de três nós que cinge a cintura e prende o rosário. Outras estampas registram a figura do Beato Antônio de Noto com o cajado de pastor e o Menino Jesus no colo. De autoria desconhecida, em possível origem italiana ou portuguesa, circulou, no século XVII, uma estampa do beato emoldurada por rocalhas, curvas e contracurvas (Figura 2).

Figura 2 – Beato Antônio “de Categeró” Aquarela, autoria anônima, século XVII, Compromisso da Irmandade de Santo Antônio “de Categeró”, Brasil



Fonte: Zarattini, 2024.

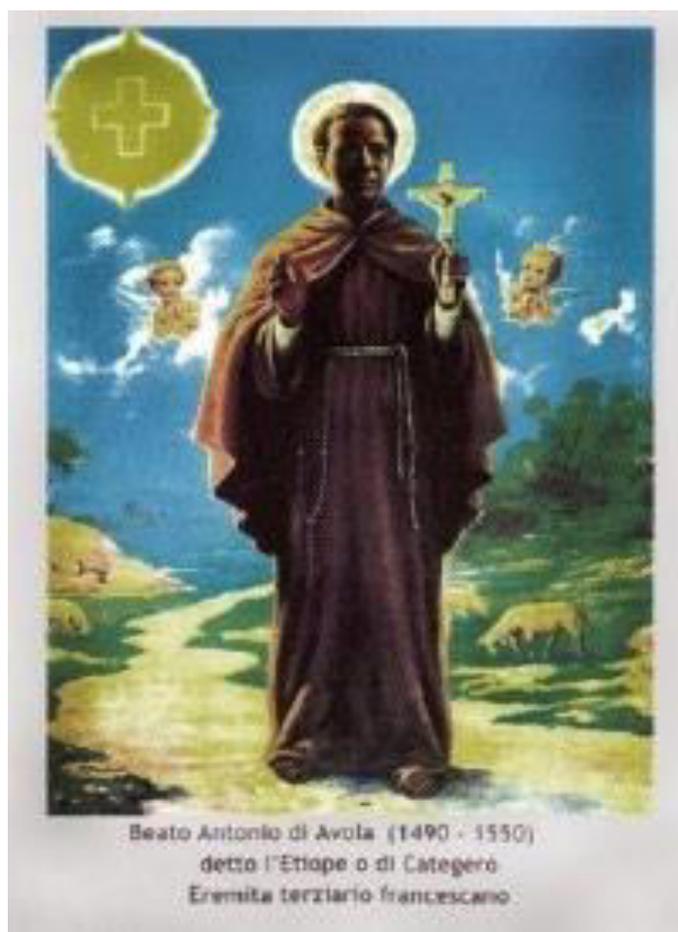
Além da criança nas mãos, as imagens podem apresentar o beato Antônio com atributos, como uma cruz, crucifixo ou bordão, ou seja, o cajado de pastor (Oliveira; Campos, 2010). Os cabelos e demais traços fisionômicos manifestam feições típicas dos povos africanos.

Na pesquisa de Fiume (2009), a iconografia assemelha-se aos apontamentos de outros historiadores de imagens, no entanto, uma questão difere em relação aos atributos. Conforme a pesquisadora, Antônio de Noto, conhecido como o beato preto “de Categeró”, pode ter como um dos atributos uma pedra na mão direita, como referência à sua habitual penitência. É conhecido de sua biografia que Antônio costumava desferir golpes no peito com uma grande pedra, pedindo

a Deus o perdão a quem o havia ofendido. É também apontada como um dos motivos do flagelo, a blasfêmia dos pobres que Antônio cuidava. Essa passagem da penitência com a pedra aparece em poucas esculturas portuguesas, no entanto, Fiume (2009) descreve um modelo iconográfico muito particular, o que sugere não ter pertencido às referências portuguesas mais tradicionais.

Em registro mais recente do século XX, de bastante difusão, a imagem do beato é impressa num Santinho ou pagela de papel de autoria do artista plástico, ilustrador e professor brasileiro Manoel Victor de Azevedo Filho que, possivelmente, buscava distinguir o beato em relação ao santo de Palermo, difundido no Brasil como Benedito das Flores, conforme influência portuguesa (Zarattini, 2024). (Figura 3).

Figura 3 – Beato Antônio de Avola, *L'Etiope, o di Categeró*. Eremita, terceiro franciscano, autoria de Manoel Victor de Azevedo Filho, pagela impressa em papel, Itália, século XX (Avola, região de Siracusa, na Ilha da Sicília)



Fonte: Zarattini, 2024.

Em Portugal e na Itália, a cruz e o cajado, constituem os pioneiros atributos de representação do beato Antônio de Noto e possivelmente os que mais o distinguem do Santo Benedito (Figura 4).

Figura 4 – Antônio de Noto. a) Catedral ou Sé de Braga, Braga, Portugal; b) Igreja de N. Sra. sa Graça ou de Santo André e Santa Marinha, Lisboa, Portugal; c) Igreja da *Parrocchia* de Santa Venera, Avola, Itália



Fonte: Zarattini, 2024.

Antônio é, em geral, representado com hábito franciscano marrom, cordão com os três nós cingindo a cintura, rosário, capa curta e sandálias nos pés. No Brasil, as esculturas do beato podem conter, além de cruces e cajados, o Menino Jesus nos braços (Figura 5a). Dentre algumas imagens identificadas como beato Antônio “de Categeró”, alguns dos atributos das peças parecem ter sido alterados ou dissociados. A de São João del Rei, por exemplo, apresenta um Menino Jesus de tamanho desproporcional, o que sugere ser uma intervenção (Figuras 5b).

Figura 5 – Beato Antônio “do Categeró”.

Esculturas em madeira policromada: a) Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Salvador (BA), século XVIII; b) Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, São João del Rei (MG), século XVIII; c) Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Tiradentes (MG), século XVIII; d) Igreja de São Francisco de Assis, São Paulo (SP) – Ordem Terceira –, século XIX; Esculturas de vestir: e) Capela dos Aflitos, São Paulo (SP), século XIX; f) Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, Florianópolis (SC), século XVIII



Fonte: Zarattini, 2024.

As esculturas selecionadas podem se enquadrar em categorias diversas, como de talha inteira. Em muitas esculturas, o beato Antônio pode trazer a figura do Menino Jesus em seu colo (Figura 6).

Figura 6 – Beato Antônio de Noto.

Esculturas em madeira policromada, século XVIII: a) de vestir, Igreja de São Francisco, Salvador (BA); b) Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Minas Novas (MG); c) Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Ouro Preto (MG); d) Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Santa Bárbara (MG).



Fonte: Zarattini, 2024.

A questão de atributos em comum entre o beato Antônio de Noto e São Benedito de Palermo torna essas representações ambíguas e de complexa diferenciação. Diante da falta de registros e analisadas de forma isolada, a leitura de esculturas pode ser equivocada, tendo em vista os atributos comuns (Zarattini, 2024).

Deve ser salientado que, grande parte das vezes, quando as devoções franciscanas pretas estão representadas lado a lado ou em retábulos ou nichos próximos, São Benedito é mais frequentemente o religioso representado com flores ou rosas, conforme as representações típicas portuguesas, enquanto o beato é representado com o Menino Jesus no colo, o que se aproxima dos modelos italianos (Zarattini, 2024). (Figuras 7 e 8).

Figura 7 – Detalhe do busto de Antônio “do Categeró”, Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Ouro Preto, MG



Fonte: Zarattini, 2024

Figura 8 – Detalhe do busto de São Benedito das Flores, Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Ouro Preto (MG)



Fonte: Zarattini, 2024.

Os cultos de Antônio de Noto e Benedito são afins em vários sentidos e, por decorrência, praticamente indissociáveis nos estudos voltados às devoções pretas franciscanas. Além das semelhanças hagiográficas, ambos apresentam os mesmos atributos iconográficos. Para a correta distinção entre as imagens retabulares desses pretos franciscanos de mesmo tipo físico e hábito, é necessário lembrar que o cajado parece ser mais típico do Beato Antônio, que era pastor de ovelhas, enquanto atributos, como panos de cozinha, flores e rosas, são referências das atividades e milagres de São Benedito, com o ofício da cozinha do mosteiro e seu mais conhecido milagre, que conta da transformação de pães em flores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu concluir-se que as representações de Antônio “de Categeró”, principalmente as esculturas em madeira, emanam valores simbólicos e espirituais de grande apelo evangelizador. A devoção do beato preto no Brasil, detectada desde o século XVII e ainda hoje, século XXI, principalmente nos estados do Sudeste e Nordeste brasileiros, tem apresentado vigorosa expressão. Tendo em vista sua popularidade e relevância material e imaterial, a preservação das esculturas devocionais pretas pertencentes ao patrimônio brasileiro requerem o constante debate e interpretação simbólica.

Cultos como o de Antônio têm assumido força aglutinadora e identitária coletiva dos pretos. As principais origens dos modelos de representação desse religioso franciscano foram identificadas com origens em países como Portugal e Itália. A história de virtudes dessa notável devoção encontrou seu fim e papel como guia espiritual para seus companheiros africanos pretos em provações durante o comércio de escravos no Atlântico.

Curiosamente, apesar de sua destacada presença no Brasil, a devoção do beato Antônio não tem demonstrado força na comuna italiana de Noto, cidade de seu ofício religioso na Sicília. O culto foi discreto e restrito aos retábulos portugueses, onde ainda figuram esculturas em sua representação.

## REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022. (Edição revista e atualizada por Carlos SusseKind; tradução Vera da Costa e Silva ... [et al.]. 37<sup>TM</sup> ed. Barcelona: Editorial Herder. Tradução de Dictionnaire des symboles: mythes, rives, costumes, gestes, forms, figures, coolers, nombres).

DAMASCENO, Sueli. *Igrejas Mineiras: glossário de bens móveis*. Ouro Preto: Instituto de Artes e Cultura, 1987.

DELL’AIRA, Alessandro. Il Santo nero e il rosario: devozione e rappresentazione. In: FIUME, Giovanna. (org.). *Il Santo patrono e la città*. San Benedetto il Moro: culti, devozioni, strategie di età moderna. Veneza: Marsilio, 2000.

FIUME, Giovanna. Antônio etíope e Benedito, o mouro: o escravinho Santo e o preto eremita. *Revista Afro-Ásia*, Salvador, n. 40, p. 51-104, 2009.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.

GUASTELLA, Salvatore. *Santo Antônio de Categeró: sinal profético do empenho pelos pobres*. São Paulo: Paulus, 1986.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. Santos Pretos e Pardos na América Portuguesa: catolicismo, escravidão, mestiçagens e hierarquias de cor. *Studia Historica - História Moderna*, Salamanca, v. 38, n. 2, p. 65- 93, 2016.

OLIVEIRA, Myriam A. Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Barroco e rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana*. Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2010. (Roteiros do Patrimônio, 1).

RANDAZZO, Antonio da. Vita et miracoli del Beato Benedetto di San Fradello. In: FIUME, Giogianna; MODICA, Marilena (org.). *San Benedetto il Moro*. Santità, agiografia e primi processi di canonizzazione, Palermo: Biblioteca Comunale, 1998.

ZARATTINI, Fábio Mendes. *Santos Pretos: esculturas devocionais no Brasil*. 2024. 435 f. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/76631>. Acesso em: 20 fev. 2024.